

## A devoção antoniana do Kongo no Brasil: um indício da ideia de uma nação africana cristã

### *The Antonian devotion of Kongo in Brazil: an indication of the idea of a Christian African nation*

Joyce Farias<sup>1</sup>

#### Resumo

Esta proposta é um recorte das pesquisas realizadas na tese em andamento *A sobrevivência de um cânone: as esculturas africanas de santos-amuletos no território paulista*. A devoção antoniana no Kongo nasceu em circunstância do desenvolvimento do cristianismo nessa região que ganhou forma a partir do encontro prolongado entre o pensamento religioso, as formas visuais e os sistemas políticos da África Central e da Europa (particularmente Portugal) a partir do final do século XV. Dois séculos depois, uma das figuras históricas mais significativas relacionadas a essa devoção foi Dona Beatriz Kimpa Vita (1684 – 1706), uma profetisa congoleza que liderou um movimento político e religioso denominado Antonianismo ou movimento Antoniano. Durante a liderança de Kimpa Vita, o movimento Antoniano ganhou força e impulsionou a devoção antoniana como o cerne dessa identidade congoleza cristã para seus seguidores. Toda essa popularidade resultou na morte da profetisa por crime de heresia contra a Igreja de Roma; entretanto, suas ideias sobreviveram para além do Kongo. Por isso, o presente texto foca esse episódio que torna a figura de Kimpa Vita um elemento-chave para se pensar, antes de tudo, no êxito do processo de propagação da devoção antoniana e na sobrevivência de uma ideia possível de nação cristã difundida e adaptada pelos seus seguidores, que no Brasil foram submetidos ao regime de escravidão.

---

1 Pesquisadora do Museu Afro Brasil (São Paulo – SP) e doutoranda em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (PPGHA / EFLCH-UNIFESP), com a pesquisa *A sobrevivência de um cânone: as esculturas africanas de santos-amuletos no território paulista*, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Brandão. E-mail: jo\_farias4@yahoo.com.br; ORCID: 0000-0003-4888-6608

**Palavras-chave:** devoção antoniana; Kongo; Beatriz Kimpa Vita; santos-amuletos; Vale do Paraíba.

**Abstract**

This proposal is an insecton of the research carried out in the ongoing thesis *The survival of a canon: the African sculptures of saints-amulets in São Paulo*, under the guidance of Prof. Dr. Angela Brandão (Graduate Program in Art History – UNIFESP). Antonian devotion in Kongo was born in the circumstance of the development of Christianity in this region that took shape from the prolonged encounter between religious thought, the visual forms and the political systems of Central Africa and Europe (particularly Portugal) from the end of the 15th century. It was Dona Beatriz Kimpa Vita (1684–1706), a Congolese prophesy who led a political and religious movement called Antonianism or the Antonian movement. During Kimpa Vita's leadership, the Antonian movement gained strength and boosted Antonian devotion as the core of this Congolese Christian identity to its followers. All this popularity resulted in the death of the prophesy for the crime of heresy against the Church of Rome, however, her ideas survived beyond the Kongo. Therefore, this text focuses on this episode that makes the figure of Kimpa Vita a key element to think, first of all, of the success of the process of propagation of Antonian devotion and the survival of a possible idea of a Christian nation disseminated and adapted by its followers, who in Brazil were subjected to the regime of slavery.

**Keywords:** Antonian devotion; Kongo; Beatriz Kimpa Vita; saints-amulets; Paraíba Vale.

Kimpa Vita só adquiriu a importância máxima que chegou a ter após retornar do “mundo dos mortos”, para onde ia e de onde vinha semanalmente. Mas ia e vinha como Santo Antônio, na verdade. Quando voltou de vez a ser Kimpa Vita, “a Santo Antônio congoleza” perdeu tudo, inclusive a vida. Bernardo da Gallo, o capuchinho que a interrogou, registrou que, ao morrer na fogueira, “a pobre Santo Antônio” não ressuscitaria jamais. Mas, fiel aos acontecimentos, registrou também que os “antonianos” recolheram os fragmentos de seus ossos, guardados como se relíquias fossem, e espalharam que Beatriz não havia desaparecido senão sob uma de suas múltiplas formas. (VAINFAS; SOUZA, 1998, p.112)

O trecho acima é de autoria dos historiadores brasileiros Ronaldo Vainfas e Marina Mello de Souza, que relata o desfecho trágico da jornada de uma jovem profetisa no antigo reino do Kongo<sup>2</sup>, na região da África central. O caso da profetisa mencionada, Kimpa Vita, revela um cenário de tensões políticas e culturais que culminaram na condenação da jovem à fogueira em 1706 por crime de heresia contra a Igreja de Roma. Mas esse episódio não era o fim da revolução que Kimpa Vita iniciou, como aludem Vainfas e Souza (1998), mas talvez o início de uma nova narrativa da sobrevivência de ideias que resistiram, de alguma forma, à violência de tempos pregressos.

O legado de Kimpa Vita ainda necessita de investigações que possam ampliar o diagnóstico da influência que essa jovem teve para seus contemporâneos e nas gerações futuras. Porque Kimpa Vita foi uma das figuras históricas emblemáticas da nova conjuntura de identidade reinol do Kongo, a partir de sua conversão ao catolicismo no final do século XV. A conversão do Kongo passa longe de uma leitura de unidade e alinhamento entre culturas e políticas tão distintas. No entanto, não deixa de ser interessante que, no começo da era moderna, um reino centro-africano e a Cristandade de origem europeia estabeleceram dinâmicas dialéticas para a construção dessa “identidade cristã”.

No período da história de Kimpa Vita, o Kongo tinha cerca de dois séculos que havia se tornado cristão. Desde então, foram sucessões de episódios violentos com disputas pelo trono dos congolezes, um intenso fluxo de imigrantes europeus, pressões políticas internas e externas, conflitos e guerras entre as províncias e as fronteiras do reino. Como resultado, o Kongo de Kimpa Vita vivia num estado de fragmentação e ela surgiu, nesse contexto, com um movimento político e também religioso que se propunha capaz de unificar o reino e dar o caminho de entendimento do que era ser cristão através das orientações do seu guia espiritual, Santo Antônio.

---

2 Kongo com “K” e não Congo com “C” é utilizado para distinguir a civilização do Kongo e o povo Bakongo da entidade colonial chamada Congo Belga (atualmente República Democrática do Congo) e da atual República do Congo (também conhecida como Congo-Brazzaville), que incluem numerosos povos não Kongo. Tradicionalmente a civilização Kongo abrange o moderno Baixo-Zaire (atualmente Congo Central) e os territórios vizinhos na moderna Cabinda, o Congo-Brazzaville, o Gabão e o norte de Angola. Os povos Punu (do Gabão), Teke (do Congo-Brazzaville), Suku e o Yaka (da área do rio Kwango, a leste na República Democrática do Congo) e alguns dos grupos étnicos do norte de Angola partilham conceitos culturais e religiosos fundamentais com o povo Bakongo (THOMPSON, 2011, p.108).

Por essa perspectiva, o recorte deste texto tenta recuperar o período histórico-cultural da profetisa Kimpa Vita, buscando informações que permitem aproximar sua história com a aparente sobrevivência de suas ideias no Brasil. Essa relação só é possível na identificação da devoção antoniana entre os escravizados no Brasil. Especificamente, focaremos no Vale do Paraíba<sup>3</sup> que recebeu no século XIX levas significativas de centro-africanos da região do Kongo ou de regiões circunvizinhas. Essa devoção, que ocorreu no Vale, estava atrelada à produção de esculturas alcunhadas de santos-amuletos, majoritariamente peças cuja representação iconográfica é Santo Antônio. Essas pequeninas peças são os documentos mais contundentes sobre a possível ligação da presença do movimento de Kimpa Vita no Brasil, mas não são os únicos.

### **Os santos-amuletos no Vale do Paraíba e suas historiografias**

A produção de esculturas de santos-amuletos de Santo Antônio, na historiografia de arte brasileira<sup>4</sup>, foi e vem sendo interpretada como de origem africana. Estudos e apontamentos sobre essas peças existem desde 1950, mas se ignorou o potencial de reflexões ao se considerar as origens africanas dessas esculturas e como um possível cânone atrelado não só aos conceitos estéticos, mas também aos religiosos, sobreviveu em terras brasileiras (Farias, 2022).

Essas peças foram recolhidas em diferentes cidades paulistas que abrangem o Vale e, sumariamente foram relacionadas à devoção de escravizados da região paulista do Vale durante o século XIX. É fato que a dificuldade de tecer informações capazes de validar tal “sobrevivência” de um cânone africano recai sobre o contexto histórico da escravidão no Vale do Paraíba, que no século XIX se expandiu como uma região de grandes lavouras, característica que dificulta a investigação dessa produção de africanos pelo viés artístico/religioso, sobrando poucas pistas além das próprias esculturas e o local de onde foram recolhidas.

---

3 O Vale do Paraíba está localizado entre os estados brasileiros de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. No entanto, a produção de santos-amuletos compreende, quase que em absoluto, a região paulista do Vale.

4 Também conhecidas como esculturas de nó de pinho. Porém, também são feitas de osso e chumbo e há raras peças feitas da planta Arruda.

Só a partir da década de 1990 a abordagem sobre essas esculturas obteve contornos mais precisos sobre sua origem. Esses estudos não se deram na área de História da Arte e sim no campo da História, e estavam atrelados às investigações dos recenseamentos da população escravizada no Vale do Paraíba, possibilitando as identificações das origens étnicas e regionais dos escravizados africanos, o que deu condições de ampliar as esferas das dinâmicas culturais e sociais que envolviam esses indivíduos.

A hipótese de que essa produção no Brasil tenha sido iniciada por indivíduos do Kongo baseia-se nas pesquisas de historiadores do antigo reino africano, as quais serão abordadas no decorrer deste texto. Essas referências, na conjuntura da pesquisa, complementam a própria historiografia de arte dessa produção, que desde 1950 avançou muito pouco em termos de contextualização histórica. Justamente porque os textos de investigação artística, quase todos, apresentam argumentos para afirmar essa origem africana, mas não detectável. Por isso, essa historiografia de arte concentra-se em análises formais, na tentativa de apontar uma concepção africana no esquematismo das peças, mesmo que seja algo bem generalista. Obviamente, aspectos formais não invalidam o conhecimento desenvolvido sobre essas peças. No entanto, a lacuna não preenchida sobre o contexto histórico-cultural da produção é um problema que dificulta sua compreensão no território brasileiro.

Nesse ponto, é preciso considerar que a produção artística africana no Brasil ou em qualquer outro território não africano não pode ser lida apenas na chave de historiografias com narrativas classificatórias da produção artística, consolidando um entendimento cronológico, evolutivo e ocidentalizado. Todavia, também deve ser cautelosa a aproximação dessa pesquisa com o campo da História, pois não é possível ler produções artísticas como documentos comprobatórios de um período histórico. Além disso, uma produção africana no Brasil escravocrata requer considerar uma perspectiva além do território do Vale do Paraíba: é preciso reconhecer que essa produção é atravessada pela migração forçada de africanos pelo planeta, o que mudou a perspectiva de mundo desses indivíduos. E obviamente, produções nascidas desses contextos carregam as mudanças provocadas por tais deslocamentos.

Desse modo, para buscar uma linha tênue entre essas duas vias de referências, é importante considerar que a transladação de indivíduos escravizados coloca desafios de circulação, de fronteiras e, acima de tudo, de compreensão da história da diáspora africana nos períodos da dita escravi-

dão negra. Porque essa história, ou melhor, histórias diaspóricas, não são precisas, não possuem cronologias enredadas de informações tão sólidas. Há sempre lacunas, mas também existem os indícios que permitem tecer outras perspectivas historiográficas. A proposta aqui apresentada é uma dessas perspectivas, considerando a sobrevivência do culto de Santo Antônio entre os escravizados, numa tentativa de resgate da dimensão histórico-cultural dessas pequenas esculturas encontradas no Brasil.

### **O Santo Antônio do Kongo, Dona Beatriz Kimpa Vita**

Segundo o historiador angolano Patrício Batsíkama (2021), depois da chegada do português Diogo Cão ao Kongo em 1482, verificaram-se muitas viagens subsequentes do Kongo para Portugal ou Portugal para o Kongo, entre 1484 e 1491. A religião e a política foram os dois domínios de colaboração discutidos e aparentemente aprovados entre ambos os lados. Por isso, antes do batismo do primeiro rei do Kongo, o Nzinga Nkuwu (ou D. João I do Kongo) em 1491, esse reino já estudava as vantagens dessa conversão para ampliar sua atuação política e comercial no território que podemos denominar mundo Atlântico. Esse foi um processo de mudanças profundas e resultou também numa experiência muito particular do Kongo.

Segundo a historiadora da arte estadunidense Cécile Fromont (2017), a conversão do Kongo foi algo historicamente excepcional porque inaugurou uma nova era na história da África centro-ocidental, que seria melhor compreendida na atuação desse reino no comércio, na política e na religião do início da era moderna do mundo Atlântico e cristão. É importante ressaltar que o Kongo permaneceu independente durante o período inicial da modernidade, sem sofrer os resultados da dominação colonial europeia, ainda que impactado em todos os níveis de sua organização política e social pelos efeitos do comércio de escravizados.

Avançando no tempo, no final do século XVII e começo do século XVIII, período em que Dona Beatriz Kimpa Vita viveu, podemos afirmar que o Kongo vivia dividido em cidades-estados (províncias), em um sistema anárquico que dificultava a organização do reino. A pauta sobre uma reunificação sob o manto de uma só corte (obviamente cristã) era encarada como o caminho mais seguro de uma reestruturação econômica que permitisse ao Kongo sobreviver em paz e prosperidade. Por isso, o reino se declarava politicamente

te cristão, mas não se pode dizer que o modo de vida era regado pelo catolicismo. Por exemplo, nos centros urbanos predominava o catolicismo, mas nas aldeias periféricas persistia a religião local. Segundo Batsíkama (2021), a situação era cidade *versus* aldeia, pois haviam dois discursos sociais: (a) “cidade que comanda” utilizava as linguagens socioculturais de pressão aos governados; (b) “aldeia que deveria obedecer” resistia pela afirmação identitária cujas linguagens mantinham uma oposição social ampla.

Dona Beatriz Kimpa Vita nasceu em 1684, na cidade congoleza de Kinbangu, advinda de família abastada. O nome, que lhe foi dado por seus pais, demonstra a adoção de nomes portugueses no Kongo, algo que era comum nas cidades mais influenciadas pelo catolicismo. No entanto, a adoção por este costume não se limitava às classes mais abastadas: mesmo os plebeus tinham os títulos “Dom” (para homens) e “Dona” (para mulheres), os quais em Portugal foram usualmente reservados à nobreza.

O historiador estadunidense John K.Thornton, em 1998, apresentou a pesquisa *The Saint Kongolese: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684 1706*. O livro descreve o movimento cristão liderado por Kimpa Vita no reino do Kongo, revelando que ele foi tão religioso quanto político. O movimento ficou conhecido como Antonianismo e tinha como objetivos gerais acabar com uma guerra civil de longa duração e reestabelecer uma monarquia quebrada. Todavia, a história da líder do Antonianismo foi breve e abruptamente interrompida. Talvez por isso as implicações desse episódio para a história do Kongo e o tráfico de congolezes escravizados nas Américas não foram tão exploradas ou vistas sob uma óptica ampliada de seus resultados em um território como o Brasil, por exemplo.

Cabe ressaltar que a história do reino do Kongo e do tráfico de escravizados entre o século XVI e XVII mantiveram-se alinhadas por conta de uma intensa relação das elites congolezas com os europeus, expressivamente missionários católicos e mercadores de escravizados. Segundo o historiador brasileiro Thiago C. Sapede (2014, p.66), nesse período a política do Kongo foi marcada pela forte centralização de poder, pelo incentivo na adoção do cristianismo e de outras características culturais europeias e, na economia, por intenso tráfico de escravizados com os mercadores portugueses, numa parceria comercial muito sólida entre Portugal e Kongo.

Entretanto, em meados do século XVII se instaurou uma crise política nessa relação. Os motivos variavam de conflitos entre rivais de províncias

congolesas, guerras civis, disputas comerciais, conflitos de interesses com os portugueses, entre outros aspectos que contribuíram para uma fragmentação do comércio de escravizados no Kongo. Então, da segunda metade do século XVII para o XVIII, o comércio não era mais tão centralizado: agora havia membros das elites das províncias controlando rotas, assim como mercados holandeses<sup>5</sup>, ingleses e franceses, feiras e caravanas, onde o foco principal era o comércio de escravizados (Sapede, 2014, p. 66-80).

Segundo Thornton (1998), o Antonianismo pode ser visto como um movimento popular dirigido contra o tráfico de escravizados na África na época da exportação desses indivíduos. No entanto, Kimpa Vita e seus seguidores pautavam que a situação de guerra civil, que ocorria desde o final do século XVII no Kongo, gerou muitos problemas além do comércio de escravizados. Desse modo, suas críticas tinham foco principal na intransigência da elite do Kongo e a ausência de controle popular sob governantes.

O período de vigência do movimento Antoniano, entre 1704 – 1706, foi um dos mais bem documentados na história do antigo Kongo, o qual provavelmente foi também o reino mais bem descrito da África Atlântica nesse período. Essa documentação é resultado da presença de missionários capuchinhos italianos na parte oriental do Kongo, que desenvolveram uma produção de longos e detalhados diários a partir de suas vivências e funções no reino centro-africano.

O texto a seguir faz parte do conjunto dessas fontes dos religiosos. Chama-se *Salve Antoniana*, hino/discurso do movimento Antoniano. Escrito por Kimpa Vita, esse texto era uma interpretação muito original da oração mariana *Salve Rainha*. Mas pelo teor de seu conteúdo podemos imaginar o desconforto das ordens religiosas, sobretudo dos franciscanos capuchinhos que estavam em posições políticas muito próximas das lideranças das cidades do Kongo.

---

5 Um dos conflitos mais significativos que marca o fim da relação amena dos primeiros séculos do Kongo cristão com Portugal ocorreu durante o reinado do rei D. Garcia II do Kongo (1615-1660). Na época, além dos conflitos internos, havia uma forte pressão por parte dos portugueses que, após a reconquista de Angola (1648) contra os holandeses, passaram a hostilizar o reino do Kongo através da presença de militares nos territórios vizinhos, principalmente aqueles que na época apoiavam os holandeses que ameaçavam os domínios de Portugal na África. Toda essa tensão culminou na guerra de Ambuíla em 1665, na qual o exército do Kongo foi derrotado pelos portugueses, resultando na morte de centenas de congoleses, incluindo o atual rei do Kongo na época, D. Antônio I (c. 1617 – 1665). Vide Sapede, 2014, p. 60-88.



Salve, você diz e você não sabe por quê. Salve, você recita e você não sabe por quê. Salve, você bate e você não sabe por quê. Deus quer a intenção, é a intenção que Deus quer. O casamento não serve a nada, é a intenção que Deus quer. O batismo não serve a nada, é a intenção que Deus quer. A confissão não serve a nada, é a intenção que Deus quer. A oração não serve a nada, é a intenção que Deus quer. Boas obras não servem a nada, é a intenção que Deus quer.

A Mãe com o filho de joelhos. Se não houvesse Santo Antônio, o que teriam feito? Santo Antônio é o misericordioso. Santo Antônio é nosso remédio. Santo Antônio é o restaurador do reino de Kongo. Santo Antônio é o consolador do reino dos céus. Santo Antônio é a porta para o céu. Santo Antônio tem as chaves do Céu. Santo Antônio está acima dos Anjos e da Virgem Maria. Santo Antônio é o segundo Deus... (THORNTON, 1998, p. 215-216)<sup>6</sup>

O texto original era em kikongo, idioma nativo do Kongo. A primeira tradução foi em italiano, nos manuscritos de Bernardo da Gallo, em 1710<sup>7</sup>, franciscano contemporâneo a Kimpa Vita e um dos seus algozes..

Kimpa Vita era muito jovem quando se tornou a líder de um movimento que começou a incomodar as autoridades religiosas e políticas do reino. Isso é um aspecto muito atípico, pois ao contrário de outras profetisas que existiram no Kongo, Kimpa Vita rapidamente personificou-se como uma figura poderosa e ameaçadora para os costumes estabelecidos no reino cristão. Ela se dizia inspirada por Santo Antônio, tendo ela própria adotado o nome do santo, pois afirmava que ele havia reencarnado em seu corpo e que a orientava dar os caminhos para a reestruturação do Kongo através de seus exemplos. Obviamente, isso foi um dos gatilhos que alertava o perigo desse movimento, na ameaça ou contrariamento de um conjunto de regras morais e religiosas.

O movimento antoniano, com sua líder possuída e sua ideologia, soava como uma afronta ou como muito deslocado das concepções cristãs dos missionários religiosos. Mas não para os congolezes que estavam familiarizados com essa simbiose religiosa. Esse aspecto nos espaços de convivência do

6 Tradução nossa.

7 Bernardo da Gallo nasceu em Gallo Matese, uma comuna italiana da região da Campania, atualmente, na província de Caserta. Entrou para a Ordem dos Franciscanos Capuchinhos em c. 1680, foi missionário no Kongo e Angola e faleceu no Kongo em 1717. A principal fonte para o estudo do antonianismo é a publicação de sua autoria *"Relazione dell'ultime Guerre civili del Regno di Congo; della Battaglia data dal Re D. Pietro Quarto; e della vittoria de lui ottenuta contro i Rebelli. si fingeva S. Antônio, felicemente superato colla di quella,"* 17 de outubro de 1710.

Kongo cristão, para a historiadora da arte Cécile Fromont (2017), explica-se pela definição de “espaços de correlação” do cristianismo desse reino.

O cristianismo do Congo ganhou forma a partir do encontro prolongado entre pensamento religioso, as formas visuais e os sistemas políticos da África central e da Europa. Um encontro que ocorreu no escopo de um conjunto de objetos culturais – narrativas, ilustrações, performances – que constituíram o que chamo no universo mais amplo da minha pesquisa de espaços de correlação. Da maneira que os enxergo, os espaços de correlação oferecem um terreno comum onde agentes culturais podem trazer ideias pertencentes a campos radicalmente diferentes, confrontá-las e possivelmente convertê-las em partes inter-relacionadas de uma nova teia de significados. (FROMONT, 2017, p.36).

Essa construção de novos significados do cristianismo do Kongo é resultado do esforço de diálogos entre Kongo, Portugal e a Igreja de Roma. No entanto, o caso de Kimpa Vita alertava os religiosos europeus para os problemas dos limites de interpretações e da liberdade de dar novos significados de ser cristão. Vejamos o relato do Frade Bernardo da Gallo:

Em agosto de 1704, Dona Beatriz Kimpa Vita, uma congoleza de vinte anos, jazia mortalmente doente em sua cama. Por sete dias ela esteve doente. O suor escorria de seu corpo febril e visões selvagens brilhavam em sua cabeça. Ela sabia agora que estava morrendo. Então, de repente, ela ficou calma e uma visão clara apareceu para ela. Era um homem vestido com o hábito simples de capuz azul de monge capuchinho, tão real que parecia estar na sala com ela. Ela se virou para ele, paralisada. “Eu sou Santo Antônio, filho primogênito da Fé e de São Francisco”, disse a ela, “fui enviado por Deus à sua cabeça para pregar ao povo. Você deve levar adiante a restauração do Reino do Kongo, e você deve dizer a todos que o ameaçam que terríveis punições de Deus os aguardam. Ele disse a ela que há muito tempo tentava ajudar o Kongo, indo de uma província a outra. “Primeiro tinha entrado na cabeça de uma mulher que estava em Nseto, mas tive de sair porque as pessoas de lá não me receberam bem. Depois saí de Nseto e fui para o Soyo onde entrei na cabeça de um velho. Mas havia um reverendo padre por lá, e as pessoas queriam me bater, então eu fugi novamente. Então fui para Bula, e novamente, a mesma coisa aconteceu. Estou tentando mais uma vez, desta vez em Kibangu, e escolhi você para fazer isso.” Com essas palavras, a visão da santa se moveu em sua direção, entrou em sua cabeça e se fundiu com ela. Ela sentiu-se recuperada. Sua força voltou. Na verdade, ela se sentia com uma saúde vibrante, forte e de bom humor. Ela se levantou da cama, decidida a completar a missão. Beatriz fora possuída por Santo Antônio. (GALLO apud THORNTONThornton, 1998, p.10-11)

De acordo com Batsíkama (2012), Bernardo da Gallo era uma espécie de adversário de Kimpa Vita e isso era conhecido por todos. Ocorreram vários episódios em que os dois debateram em público ou em privado sobre

a religião oficial do Kongo. Kimpa Vita saiu vitoriosa em todos os embates, mostrando ao frade italiano e aos espectadores desses confrontos que a jovem congoleza dominava a doutrina cristã mais do que o religioso.

Kimpa Vita profetizou uma verdadeira igreja antoniana, uma nova perspectiva da identidade e da política do Kongo, algo radicalmente subvertido para alguns nobres e principalmente para os religiosos que representavam a Igreja de Roma. Segundo os historiadores brasileiros Ronaldo Vainfas e Marina de Mello e Souza (1998), a profetisa congoleza despertou a ira dos capuchinhos, das facções da nobreza adversária do movimento e dos postulantes do poder real. O próprio rei do Kongo dessa época, D. Pedro IV<sup>8</sup>, era cauteloso e hesitante em reprimir o movimento; todavia, acabou cedendo às pressões dos capuchinhos italianos, ordenando a prisão da profetisa. O movimento foi violentamente suprimido por autoridades religiosas e políticas do reino e Kimpa Vita foi presa, arguida pelo capuchinho Bernardo da Gallo e sentenciada à morte na fogueira como herege da Igreja de Roma. A sentença foi executada em 1706 na capital do reino, Mbanza Kongo, mas antes disso, ela atraiu milhares de pessoas que aderiram ao movimento antoniano.

### **A sobrevivência de Kimpa Vita: indícios do Antonianismo no Brasil**

De acordo com Thornton (1998), após a morte de Kimpa, seus seguidores foram castigados, condenados à morte ou escravizados. Aqueles escravizados foram enviados para diferentes regiões das Américas, mas o movimento não se extinguiu por completo. Nesse processo de pós-morte de Kimpa Vita, a devoção por parte dos antonianos começou a adquirir outras características ou sofreu adaptações a partir de um processo forçado pela diáspora desses indivíduos. Não necessariamente essas formas se limitam à produção escultórica dos santos-amuletos apresentados anteriormente. A possível continuidade de uma ideologia adquiria diferentes contornos conforme os deslocamentos causados pela escravidão, os quais tornavam incerta a preservação das identidades culturais dos indivíduos escravizados.

---

8 O rei D. Pedro IV do Kongo governou entre 1695 e 1709. Uma das figuras históricas mais importantes da história do Kongo cristão, foi o monarca responsável em liquidar a anarquia em que o Kongo se encontrava desde meados do século XVII, sendo considerado o rei responsável pela unificação do reino sob o manto de uma só corte, o que permitiu reestruturar as condições econômicas do Kongo no comércio interno e externo.

Como mencionado anteriormente, o comércio de escravizados sempre esteve em atividade desde que o Kongo se converteu cristão. Todavia, entre a história de Kimpa Vita no começo do século XVIII e o surgimento das pequenas esculturas no Vale do Paraíba no Brasil, há um espaço temporal de quase um século e meio. Ou seja, as esculturas do Vale do Paraíba foram produzidas muito depois da morte de Kimpa Vita. Mas se o movimento cresceu para além de sua presença e atingiu outros territórios, é possível que o Antonianismo tenha continuado no Kongo e que seus membros foram escravizados e enviados para as áreas de lavoura no Vale. Essa afirmação se baseia nos estudos sobre os supracitados recenseamentos da população escravizada dessa região<sup>9</sup>.

O Vale do Paraíba tornou-se uma potência da economia cafeeira em decorrência das transformações do cenário da economia mundial. Isso tem relação com a Revolução Haitiana de 1791 a 1804, que resultou na abolição da escravatura e na independência da ilha de São Domingos, até então território colonizado pela França. Os franceses perderam sua colônia mais lucrativa, despencando sumariamente do topo que ocupavam na economia cafeeira no mundo, modificando radicalmente o cenário das produções de lavouras. Mas o episódio da revolução também acenava para mudanças profundas nos sistemas coloniais espalhados nas Américas (Marquese; Tomich, 2009).

Na contramão dessas mudanças, o Brasil investiu no trabalho escravo e quando se tornou império em 1822, o Vale do Paraíba estruturava-se para se tornar a nova grande potência cafeeira, não só da nação, mas do mundo (Marquese; Tomich, 2009). Em 1850, com a proibição do tráfico, o indivíduo escravizado se tornou mais caro; mesmo assim, a região do Vale, com os senhores de café que nutriam a economia do país, investiu, mesmo que de forma ilegal, no tráfico de africanos. É nessa conjuntura de fatos que os recenseamentos da população escravizada da região apontam para uma presença expressiva de centro-africanos nas lavouras paulistas e uma parcela desses indivíduos

---

9 As referências de estudos de recenseamentos foram: KLEIN, Hebert S.; LUNA, Francisco Vidal. *Economia da Sociedade e Economia Escravista de São Paulo, de 1750 a 1850*, 2005; HEYWOOD, Linda M. (org.). *Diáspora negra no Brasil*; LUNA, Francisco Vidal. *São Paulo: população, atividades e posse de escravos em vinte e cinco localidades (1777-1829)*, 1998; MARCONDES, Renato Leite. *A pequena e média propriedade na grande lavoura cafeeira do vale do Paraíba paulista*, 1998; SLENES, Robert W. *A formação da família escrava nas regiões de grande lavoura do Sudeste: Campinas um caso paradigmático no século XIX. População e Família*, 1998.

era do Kongo.

Apenas para exemplificar as pistas da identificação desses congole- ses, o historiador estadunidense Robert Slenes (1992;1998;2008) desenvolveu vários estudos sobre a população escravizada do Vale do Paraíba, validando a presença de centro-africanos e destacando indivíduos oriundos do antigo reino do Kongo ou de regiões sob sua jurisdição. O interessante dos estudos de Slenes são os dados referentes ao movimento Antoniano, rememorando Kimpa Vita:

No desmembrado Reino do Kôngo em 1704-1706, uma profetisa chamada Beatriz Kimpa Vita reuniu um notável séquito popular. Representando-se como tendo morrido e renascida como Santo Antônio, Kimpa Vita prometeu reunir o Reino, oficialmente cristão desde 1491, para acabar com a violência constante e os ataques de escravos que o assolaram por décadas. [...] No Brasil, um século e meio depois, numa época de intenso tráfico de escravos da África Central, especialmente da área da cultura Kongo, ocorreram eventos semelhantes. Nas províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo em 1848 e 1854 movimentos político-religiosos entre escravos da plantação – o anterior subjacente a um grande plano de rebelião – também invocaram Santo Antônio, ao tomar a forma de cultos comunitários [...] <sup>10</sup>. (SLENES, 2008, p.209)

Outra menção dada por Slenes (1992) sobre os antonianos do Kongo no Vale do Paraíba é o relato de uma tentativa de insurreição em 1847 na cidade de Vassouras (na parte do Vale que pertence ao Rio de Janeiro). O relato original de 1852 revela de forma categórica se tratar de antonianos. O caso da insurreição foi documentado pelo Desembargador Alexandre Joaquim de Siqueira, contemporâneo ao fato narrado. Esse texto faz parte de um compilado de artigos sobre a história da cidade de Vassouras, elaborado para o Instituto Geográfico e Histórico do Brasil:

A tentativa de insurreição geral dos escravos do município, em 1847, um acaso feliz fez descobrir a tenebrosa maquinação. Verificou-se pelo processo que então formou, que havia uma associação secreta dos escravos [...] A sociedade era de natureza mística, porque com suas aspirações à liberdade, votava um culto supersticioso à imagem de Santo Antônio. Era ela conhecida com o nome de UBANDA. (SIQUEIRA apud BRAGA, 1975, p.109)

De acordo com Slenes (1992), a palavra existe em Kimbundu e Umbundo (dialetos da África Central) e significa “a arte de curar, adivinhar e in-

<sup>10</sup> Tradução nossa.

duzir os espíritos a agirem para o bem ou para o mal”. Atualmente no Brasil, a palavra Umbanda é a denominação de uma religião brasileira que possui influências do catolicismo, mas também de culturas africanas e indígenas. Suas práticas concentram-se em guias espirituais que são revelados para seus seguidores através de incorporações.

A falta de informações de caráter documental para casos como esse configura que a ideia sobrevivente de nação dos antonianos parece dissipar-se no histórico do Vale do Paraíba. Por outro lado, analisando os pormenores, é inegável a relação de proximidade desse caso da Insurreição de 1847 com os relatos de Bernardo da Gallo sobre o caso de Kimpa Vita em 1706. Esses indícios permitem tecer uma compreensão de identidade desses indivíduos escravizados: mesmo distante do Kongo de Kimpa Vita, o âmago do movimento Antoniano parecia ter sido adaptado na resistência nas Américas, na reconstrução da devoção a Santo Antônio. Partindo desse parâmetro, as pistas da presença de “antonianos” no Vale da Paraíba colaboram na complementação da historiografia de arte sobre as pequeninas esculturas de santos-amuletos.

Nesse caso, a identificação da origem desses africanos ou, pelo menos, a menção dessa origem, é uma estratégia significativa para ampliar o entendimento da possibilidade de sobrevivência de um cânone africano, através da devoção antoniana relacionada aos santos-amuletos. Não obstante seja preciso reforçar que a similaridade possivelmente existente entre a devoção dos antonianos no Kongo e a devoção antoniana no Brasil não anula o espaço-tempo que separam as peças produzidas no Kongo das que foram produzidas no Vale do Paraíba. Ocorreram mudanças com deslocamentos e rupturas, por isso aspectos estéticos e ideológicos são elementos de transformações e adaptações e nem sempre é possível rastrear quando e como eles ocorreram em território brasileiro.

Mesmo assim, é importante ressaltar que a figura de Kimpa Vita foi um elemento determinante para entender que existiram diferenças de concepções devocionais no próprio reino do Kongo. A elite do Kongo não era uma classe que adotou a concepção religiosa do Antonianismo: a devoção a Santo Antônio por parte da elite do Kongo não era a mesma dos simpatizantes do movimento Antoniano, mesmo havendo sincretismos, novas formas de representação e novos significados. Podemos apenas afirmar que Santo Antônio no Kongo recebeu valores atribuídos como uma santidade de boa sorte ou boa fortuna. Lembrando também que os nobres do Kongo não foram

escravizados ou deslocados de sua terra natal, o que torna compreensível a aproximação da devoção no Vale do Paraíba com os antonianos. Porém, não sabemos como esses antonianos sobreviveram nas regiões de lavouras.

Chegamos assim a uma questão que problematiza a pauta de identidade no contexto da forçada diáspora africana – em que circunstâncias as esculturas encontradas no Vale do Paraíba foram produzidas no Brasil? Ainda que sejam colocadas outras pautas de investigações que cerquem essa produção escultórica, a resposta é complexa e cheia de nós historiográficos. Porém, o recorte aqui apresentado tentou trilhar a rota da devoção antoniana, do Kongo ao Brasil, revelando a contrariedade das leituras generalistas sobre as culturas africanas e alertando a importância de reconhecer a distinção entre elas, dando possibilidade de alcançar histórias como a de Kimpa Vita.

É preciso olhar para África numa perspectiva global e possível da era da modernidade, pois, ao contrário, pouco se avança no conhecimento da existência de uma elite congoleza alfabetizada em português, que se vestia parcialmente em trajes europeus e que possuía uma produção artística cristã muito singular, nomes portugueses e catolicismo professo. Esses aspectos parecem deslocar-se de alguma forma da imagem pré-colonial instituída da África. Apesar dessa imagem, o Kongo foi um importante colaborador para a formação cultural das populações das Américas no período colonial e seus desdobramentos. Não se tratam de histórias de passividade em conversões ou convivência de tráfico humano, mas de muitas formas de constituir sobrevivências, porque o Kongo também foi acamado pela força da violência colonial e resistiu, de alguma forma, seja ela ideológica, religiosa e/ou artística.

## Referências

BATSÍJAMA, P. *O reino do Kongo e sua origem meridional*. Luanda: Universidade Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. Religião como espaço de resistência: Dona Beatriz Ñsímiba Vita. *Africanizar: resistências, resiliências e sensibilidades*. Revista *Transversos*. Rio de Janeiro, n. 22, pp.55-77, ago. 2021

BRAGA, Greenhalgh H. Faria (org). *Vassouras de ontem*. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

FARIAS, Joyce. Revendo nós historiográficos: apontamentos sobre as escul-

turas de santos-amuletos do Vale do Paraíba e suas origens africanas. *MODOS: Revista de História da Arte*, Campinas, v. 6, n. 1, pp. 202-229, 2022.

FROMONT, C. *The Art of Conversion: Christian Visual Culture in the Kingdom of Kongo*. Chapel Hill: The University of Carolina Press, 2014.

\_\_\_\_\_. Tecido estrangeiro, hábitos locais: indumentária, insígnias Reais e a arte da conversão no início da Era Moderna do Reino do Congo. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.25. n.2, pp. 33-53, mai.-ago 2017.

HEYWOOD, Linda M. (org). *Diáspora negra no Brasil*. Tradução: Ingrid de Castro Vompean Fregonez, Thaís Cristina Casson e Vera Lúcia Benedito. 2ª ed. São Paulo: Contexto: 2019.

LUNA, Francisco Vidal. São Paulo: população, atividades e posse de escravos em vinte e cinco localidades (1777-1829). *Estudos Econômicos*. São Paulo, v. 28, n. 1, pp. 99-169, jan./mar.1998.  
\_\_\_\_\_; KLEIN, Hebert S. *Evolução da Sociedade e Economia Escravista de São Paulo, de 1750 a 1850*. Tradução: Laura Teixeira Mota. São Paulo: EDUSP, 2005.

MACGAFFEY, W. *Kongo Culture: The conceptual challenge of the particular*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2000.

MARCONDES, Renato Leite. A pequena e média propriedade na grande lavoura cafeeira do vale do Paraíba paulista. *LOCUS: revista de história*. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Editora UFJF, v. 4, n. 2, pp. 35-54, 1998b.

\_\_\_\_\_. A propriedade escrava no vale do Paraíba paulista durante a década de 1870. *Estudos históricos*, n. 29, pp. 51-74, 2002.

MARQUESE, Rafael; TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. In: SALLES, Ricardo; GRINBERG, Keila (Org.). *O Brasil imperial (1808-1889). Volume II (1831-1871)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 345-347.

SAPEDE, Thiago C. *Muana Congo, Muana Nzambi a Mpungu. Poder e Catolicismo no reino do Congo pós-restauração (1769 – 1795)*. São Paulo: Alameda, 2014.

SLENES, R.W. Malungu, ngoma vem! África coberta e descoberta do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, v. 12, pp. 48-67, 1992.

\_\_\_\_\_. A formação da família escrava nas regiões de grande lavoura do Sudeste: Campinas um caso paradigmático no século XIX. *População e Família*.



São Paulo, vol. 1, n.1, pp. 9-82, jan./jun. 1998.

\_\_\_\_\_. Saint Anthony at the Crossroads in Kongo and Brazil: 'Creolization' and Identity Politics in the Black South Atlantic, ca. 1700/1850. In: BARRY, Boubacar; SOUMONNI, Élisée; SANSONE, Lívio. (Org.). *Africa, Brazil and the Construction of Trans-Atlantic Black Identities*. New Jersey: Africa World Press, 2008, pp. 209-254.

THOMPSON, R. F. *Flash of the spirit/Arte e filosofia africana e afro-americana*. Trad.: Tuca Magalhães. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2011.

THORNTON, John K. As guerras civis no Congo e o tráfico de escravos: a história e a demografia de 1718 a 1844 revisitadas. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 32, pp. 55-74, 1997

\_\_\_\_\_. *The Saint Anthony Kongolese: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Antonian Movement, 1684-1706*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

\_\_\_\_\_.; HEYWOOD, Linda M. *Central Africans, Atlantic Creoles and the Foundation of the Americas, 1585-1660*. Nova York: Cambridge University Press, 2008.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Marina de Mello e. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. *Escravidão e África Negra. Tempo*, vol. 3, n.6, pp. 95-112, dez. 1998.